



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva às visitas e assinatura da ordem de serviço para finalizar as obras de rebaixamento da Linha Férrea de Maringá

Maringá-PR, 23 de setembro de 2010

Bem, meus queridos companheiros de Maringá,
Meus queridos companheiros do estado do Paraná,
Meus queridos companheiros prefeitos e prefeitas aqui do estado do Paraná,

Estudantes,

Atletas,

Futuros atletas,

Mulheres e homens desta região extraordinária do nosso país,

Meu querido companheiro Orlando Pessuti, governador do estado do Paraná, e sua senhora, Regina Fischer,

Meus caros companheiros Mauro Barbosa, ministro dos Transportes; Paulo Bernardo, do Planejamento e Gestão; Orlando Silva, do Esporte; e Orlando [Alexandre] Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais,

Meu caro Silvio Magalhães Barros, prefeito de Maringá, por intermédio de quem cumprimento todos os companheiros,

Meu caro vereador Hossokawa, presidente da Câmara Municipal de Maringá,

Meu caro Pagot, presidente [diretor-geral] do DNIT,

E nosso querido – na verdade, herói, porque aquela imagem dele com a bandeira do Brasil jamais será apagada das nossas mentes –, nosso companheiro Vanderlei Cordeiro, nosso maratonista, em nome de quem eu cumprimento todos os atletas presentes,



Bem, não poderia ser melhor para um presidente da República do que terminar a primeira parte da sua visita a uma cidade como Maringá no Ginásio de Esportes, discutindo investimentos em esporte. Nós viemos aqui... vamos fazer uma pista de esquite para o companheiro aí que está... uma pista de esquite com capacete e tudo.

Bem, nós, depois de visitarmos a Ferrovia e depois de visitarmos o Contorno, estamos aqui neste extraordinário ginásio. O ginásio que, queira Deus, venha possibilitar que da cidade de Maringá saiam algumas dezenas ou centenas de atletas brasileiros que atingirão a média para participar das Olimpíadas de 2016. Mas mais importante é que Maringá seja uma espécie de elo motivador para que outras cidades criem as suas Praças Olímpicas e para que cada cidade do Paraná e cada cidade do Brasil leve muito a sério que as Olimpíadas são um marco que pode dividir muito a história do esporte no Brasil de antes e depois das Olimpíadas.

Nós jamais seremos uma grande potência esportiva se a gente não tratar o investimento em esporte como uma decisão do Estado brasileiro, como uma decisão do governo, porque a iniciativa privada tem um comportamento extraordinário, mas ela cuida mais do atleta pronto, do atleta acabado, do atleta que dá retorno financeiro, do atleta que serve publicidade, e nós precisamos cuidar do atleta antes de ele ser atleta, antes de ele ser famoso, antes de ele ter nome na praça. E somente o Estado é que pode fazer isso, somente a Prefeitura é que pode fazer isso, somente o governo do estado é que pode fazer isso e somente as empresas públicas é que podem fazer isso.

E não existe nada de errado, nem a privada ter a preocupação de fazer e nem a pública ter quase que a obrigação de fazer, porque é muito difícil. Às vezes, a gente vê um atleta nosso disputando as Olimpíadas, a gente fica orgulhoso de vê-lo com a roupa da Seleção Brasileira, a gente fica querendo que ele ganhe; se ele erra, a gente fica nervoso. E a gente nunca parou para perguntar como é que é a vida daquele atleta, como é que ele chegou aqui,



como é que ele treinou, quem pagou salário para ele, quem sustentou ele... Às vezes, até o tênis que eles têm teve que comprar para pagar à prestação, porque não tinha dinheiro para ter um tênis.

Nós, então, resolvemos mudar essa situação e, por isso, nós criamos o Bolsa Atleta; por isso, nós incluímos no Bolsa Atleta todos os atletas paraolímpicos, porque os paraolímpicos, aqueles portadores de deficiência que participaram das Olimpíadas na China, foram motivo de orgulho para o Brasil tanto ou mais do que os atletas que não tinham nenhuma deficiência.

Mas hoje também é um dia gratificante. Gratificante porque o IBGE acaba de divulgar uma coisa importante, Pessuti: em agosto, o salário médio dos trabalhadores brasileiros foi o maior dos últimos oito anos, a média de R\$ 1.472,00. E uma outra notícia importante também divulgada agora pelo IBGE: o desemprego é o mais baixo dos últimos anos, 6,7%. É engraçado, porque a minha geração nunca acreditou que a gente pudesse ter um desemprego de apenas 6,7%. Isso era coisa da Europa, isso era coisa para os Estados Unidos. Hoje, os Estados Unidos estão a 10[%], a Europa está a 10[%], a Espanha está a 20[%], e o Brasil está a apenas 6.7%. Isso era considerado, Pessuti, isso é considerado, na Europa, como pleno emprego, e nós sabemos que ainda temos muita coisa para fazer neste país.

Uma coisa que nos deixa alegres, Pessuti, é que quando, no dia 1º de janeiro, eu estiver entregando a Faixa para quem assumir a Presidência da República, eu estarei meditando sobre o que aconteceu neste país no meu governo. Primeiro, eu cheguei ao governo, e muita gente torcendo, dizendo que eu não ia dar certo porque eu não tinha diploma universitário, eu não tinha estudado Sociologia, Engenharia, Medicina, não era fazendeiro, não era empresário. Como é que poderia um simples torneiro mecânico querer governar o Brasil? E ficaram torcendo para eu não dar certo. Quando eu criei o Bolsa Família, começaram a dizer que o Bolsa Família era uma esmola. Quando nós fizemos o programa Luz para Todos, diziam que o Estado não



deveria se meter. Quando nós começamos a cuidar da agricultura familiar, disseram que a gente estava querendo dividir o mundo e o Brasil. Qual é o resultado hoje deste país?

Eu queria, Pessuti, que você prestasse em um número que eu vou citar. Eu, a vida inteira, fiz discurso dizendo que eu era socialista, e isso causava pânico em muita gente, muita gente tinha medo. Quando a gente falava em socialismo, muita gente logo pensava em Cuba, logo pensava na Rússia, logo pensava em não sei onde. Mas as pessoas tinham medo. E veja que engraçado, eu tinha na cabeça uma tese: se este país é um país capitalista, onde está o capitalismo deste país? Porque não era possível você ter uma sociedade de economia capitalista se você não tivesse crédito, se você não tivesse financiamento. E vejam o que aconteceu no Brasil com este metalúrgico e com a ajuda de vocês, e com a ajuda de vocês: o crédito que o Brasil tinha para o Brasil inteiro, para 190 milhões de brasileiros era de apenas R\$ 380 bilhões. Esse era o crédito que o Brasil tinha para 190 milhões de brasileiros: R\$ 380 bilhões. Hoje, Pessuti, sabe quanto é o crédito? Um trilhão e seiscentos bilhões de reais neste país. Hoje, somente o Banco do Brasil tem, de crédito, tudo aquilo que o Brasil tinha em 2003. A Caixa Econômica Federal, ela só tinha 5 bilhões para financiar casas. Este ano, vamos terminar com mais de R\$ 70 bilhões de financiamento de casas. O crédito para agricultura foi o maior da história deste país; o crédito para a safra 2010/2011 foi de R\$ 116 bilhões: cem bilhões para o agronegócio e 16 bilhões para a Agricultura Familiar e para o Pronaf. Quando nós chegamos, eram apenas R\$ 2 bilhões.

Então, muita gente pergunta: O que está acontecendo no Brasil? É sorte? Não, não é sorte. Nós criamos uma coisa chamada crédito consignado, que era para emprestar dinheiro para quem não podia nem entrar em um banco, para os pobres que não podiam entrar em um banco. Vocês sabem quanto, sabem quanto tem hoje emprestado para os pobres deste país? Cento e vinte e nove bilhões de reais. É a maior linha de crédito para pessoa física



que nós temos no Brasil, é o crédito consignado.

E nós não poderíamos deixar de recepcionar as extraordinárias meninas do vôlei brasileiro, que estão aqui... acho que vão jogar amanhã, vão jogar... era bom vocês subirem aqui para todo mundo ver vocês. Pelo menos para as pessoas verem como vocês são baixinhas diante de mim, aqui. Olhem, essas meninas amanhã vão jogar... amanhã ou domingo, contra os Estados Unidos? Sábado e domingo contra os Estados Unidos. Lamentavelmente, o ginásio que elas vão jogar, por conta de problema de licitação – porque foi feita a licitação e foi anulada –, não vai ter o ar condicionado que a gente esperava que tivesse no ginásio ainda, mas no próximo jogo, quem sabe, eles terão aqui... elas terão o ar condicionado necessário para continuarem ganhando o que elas ganharam de título com a camisa da Seleção Brasileira.

Olhem, eu, sinceramente, queria terminar só dizendo para vocês o seguinte: Amanhã, além de as nossas meninas, sábado, derrotarem os Estados Unidos... sábado e domingo; e depois de domingo, também derrotar outra vez, e depois de depois de domingo... Porque ontem eu estava dizendo que houve um tempo em que o Brasil ia jogar contra os Estados Unidos – não faz muito tempo – tanto o masculino quanto o feminino, tanto o vôlei quanto o basquete, e a gente ficava na televisão já achando que a gente era inferior e que a gente iria perder o jogo, não é isso? Eram Estados Unidos, Rússia, Japão, Cuba – eu lembro das brigas homéricas que a Seleção brasileira tinha... a Mireya, isso.

Pois bem, então, houve um tempo em que o Brasil se achava inferior, o Brasil ia jogar a gente já sabia, ficava na televisão: “Ah, as meninas vão jogar com a Rússia? Já perdemos. Vão jogar com Cuba? Já perdemos. Vão jogar com os Estados Unidos? Já perdemos”. Valia também para o basquete, valia para a seleção masculina. O que acontece hoje, depois que o Brasil resolveu profissionalizar o vôlei, que agora está profissionalizando o basquete? O que a gente agora vê? Não é mais o Brasil que tem medo de jogar com os Estados



Unidos ou com a Rússia; são eles que têm medo de jogar com as meninas do Brasil e com os meninos do Brasil, porque o centro de treinamento dessas meninas lá em Saquarema, no Rio de Janeiro, é o que existe de melhor, eu diria, acho que no mundo. E depois, eles foram profissionalizados, essas pessoas precisam ganhar alguma coisa para sobreviver, precisam comer bem e treinar bem.

Por isso eu acho que todos nós temos que, com muito orgulho, tirar o chapéu para essas meninas do vôlei brasileiro, que são motivos de orgulho. E vocês podem ficar tranquilas, que vocês são motivo de orgulho mesmo quando vocês perderem uma partida. Nós estamos aprendendo que ganhar é o objetivo, mas se a gente não ganhar, a gente tem que respeitar o adversário. Como o Coringão, que ontem bateu no Santos, e a gente tem que ter noção de como foi importante.

Mas eu queria dizer para vocês uma coisa... eu não quero segurar a Seleção aqui, porque elas têm que treinar para amanhã... ou melhor, treinar para sábado. Mas eu queria que vocês ouvissem uma coisa que vai acontecer no Brasil amanhã: amanhã, às 10h da manhã, meu caro Prefeito e meu caro Governador, eu estarei na Bolsa de Valores de São Paulo. E amanhã nós vamos fazer uma coisa que nunca aconteceu. Eu estou acostumado a dizer “nunca antes na história do Brasil”. Eu poderia dizer para essas meninas: Nunca antes na história da Humanidade, nunca antes na história do capitalismo aconteceu o que vai acontecer amanhã na Bolsa de Valores de São Paulo. Nós vamos capitalizar a Petrobras por conta do pré-sal, e vai ser a maior capitalização já feita na história da Humanidade. A maior até agora foi feita na China e valeu US\$ 27 bilhões. A nossa não será menos do que US\$ 70 bilhões, e isso vai acontecer amanhã, e aí, quem sabe, a Petrobras possa até ajudar a patrocinar mais a Seleção de vôlei.

Então, amanhã vai ser um acontecimento histórico neste país, e vai ser um acontecimento histórico também porque nós, agora, completamos 704 mil



alunos que passaram pelo ProUni, ou seja, foi o maior, foi o maior programa de bolsa de estudos já feito neste país, sobretudo para as jovens e os jovens da periferia deste país. E logo depois das eleições – eu não quero fazer agora para não dizerem que é uma coisa de eleições – nós vamos apresentar o Fies, que é um programa de financiamento de bolsa, e vai ser um programa de financiamento que eu acho que vai ser um dos mais importantes do mundo, porque nós não queremos deixar que nenhuma jovem e nenhum jovem neste país deixem de estudar por falta de dinheiro. Nós queremos garantir o crédito e queremos garantir também aquele que vai garantir o crédito.

No mais, Prefeito, eu quero dar os parabéns pelas obras de Maringá, e pode ficar certo de que Maringá sempre será exemplo de cidade que nós sonhamos para todo o Brasil. Só tem uma coisa que eu vou sair daqui sem explicação, Prefeito: É por que o Paulo Bernardo não trata a minha Garanhuns, lá em Pernambuco, com o mesmo amor que ele trata Maringá. Porque eu fico olhando a quantidade de dinheiro que tem de obras aqui – são quase que R\$ 322 milhões de obras aqui –, e na minha Garanhuns não foi sequer um centavo. Então... E ele não é de Maringá, ele é de Ribeirão Preto. E, depois, não mora aqui, mora em Londrina. Eu quero saber qual é a paixão dele por Maringá. Eu vou... Não devem ser os belos olhos do Prefeito, não deve ser a simpatia do Pessuti, mas, sobretudo, deve ser a grandeza de administrador que é o companheiro Paulo Bernardo, que sabe que um contorno ferroviário aqui é necessário para esta cidade. Aqui aconteciam muitos acidentes e, com essa obra, nós vamos diminuir em muito os acidentes.

Um beijo e até outro dia, se Deus quiser. Parabéns, Prefeito.

(\$211A)